

Rosa Luxemburgo: pensamento e ação

PAUL FRÖLICH

São Paulo: Boitempo, 2019. 370p.

*Rosa Rosa Gomes**

A biografia de Paul Frölich sobre Rosa Luxemburgo, escrita em 1939, é uma das primeiras a serem publicadas. O texto é um clássico para os estudos da obra e da vida de Luxemburgo e sua versão em português amplia, assim, o universo de interessados e leitores de Rosa.

A edição brasileira traz o posfácio à segunda edição alemã, no qual Klaus Kinner explica o contexto de Frölich e quais eram as controvérsias na esquerda alemã, o que ajuda a entender passagens do livro. A edição conta também com um posfácio de Isabel Loureiro que faz um balanço da obra e a compara com outras biografias da revolucionária.

A biografia trata da vida de Rosa Luxemburgo primordialmente em seus aspectos políticos. Segundo o posfácio de Loureiro, um dos motivos é que muitas cartas não estavam disponíveis em 1939, quando ela foi escrita e publicada pela primeira vez. Dessa forma, não era possível a Frölich conhecer as relações pessoais que Luxemburgo desenvolveu ao longo de sua vida. Contudo, o relacionamento com Leo Jogiches era conhecido e o autor não o explora, atendo-se à figura política, à revolucionária Luxemburgo, o que destaca essa biografia de outras. Dos 14 capítulos do livro, apenas um, “Como uma vela queimando pelas duas pontas”, trata da mulher, mesmo assim, sempre em relação a sua militância.

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP. E-mail: rosarosasrg@gmail.com

O autor perpassa toda a prática política de Luxemburgo, analisando suas principais polêmicas e textos, sempre explicando o contexto histórico, especialmente relacionado ao Partido Social-Democrata Alemão (SPD).

Nos quatro primeiros capítulos, Frölich se preocupa em situar Rosa Luxemburgo tanto em relação a sua origem polonesa quanto em relação à caracterização do Partido Social-Democrata Alemão. Ele relata brevemente seu contexto familiar, os anos na escola e a participação no movimento socialista desde a adolescência. Segue explicando a origem das tensões que irão se desenvolver ao longo das décadas entre ela e a direção do SPD, um partido em essência reformista desde o nascimento. O autor explora o método de análise de Luxemburgo, a forma não dogmática como ela trata o marxismo e as batalhas que trava contra o reformismo.

Paul Frölich fala da crítica de Luxemburgo à conciliação de classes, o que para ele foi a razão do nazismo, anos mais tarde. Para nós, no Brasil de 2019, suas palavras interessam para pensar os últimos anos. “A participação no governo levou à total desorganização e paralisia do movimento dos trabalhadores e empurrou grandes parcelas da classe trabalhadora para o mais ferrenho antagonismo a toda e qualquer política e ao parlamentarismo em geral, para as ilusões de um sindicalismo ultraradical” (p.82-83).

Estabelecidas as bases do pensamento de Luxemburgo e seu contexto histórico, o autor passa ao momento crucial da Revolução Russa de 1905 e a greve de massas, às quais são dedicados três capítulos. A greve de massas não aparece como algo novo; Frölich apresenta seu histórico na época e a opinião de Rosa Luxemburgo diante dela. Nesse sentido, não haveria uma grande mudança na perspectiva da revolucionária, mas a Revolução de 1905 apresentaria a novidade, observada por Luxemburgo, de que a organização não é tudo e se constrói também na luta revolucionária, na ação. As massas são o fator central e só elas podem desencadear uma revolução, o partido serve para esclarecer os objetivos, mas não pode decretar o movimento. Esse era um ponto central de discussão de Rosa com o SPD de sua época e o autor a apresenta com detalhes. A questão é que 1905 foi um marco para toda a sua geração, pois colocou a revolução como realidade objetiva. Até esse momento, a referência dos socialistas era a Comuna de Paris de 1871, que havia sido massacrada. Depois dela, iniciou-se um processo de democratização em alguns Estados europeus. Desde então, houve apenas movimentos pontuais por melhores condições de vida da classe trabalhadora e ampliação de direitos. 1905 na Rússia foi um movimento amplo e radical, recolocando a luta de rua como uma forma revolucionária.

Demonstrando esse ponto, Frölich apresenta as disputas entre os partidos socialistas poloneses, um deles de Rosa Luxemburgo, em relação à tática do movimento. Ele enfatiza a leitura conjuntural apurada da revolucionária defendendo que um levante armado só teria efeito se organizado pelas massas e não como um golpe de Estado levado a cabo por um pequeno grupo. O autor relata o debate de Rosa e sua atuação na revolução, o que é algo inédito para os leitores brasileiros. Nesses capítulos, apesar de Frölich explicar a ênfase na ação e defender Rosa da acusação

de espontaneísta, ele matiza as diferenças entre ela e Lenin, minimizando o centralismo democrático deste. Mas enfatiza que Luxemburgo ancora a sua política nas massas e Lenin na organização, ponto fundamental para diferenciá-los. Fica claro nessas questões e após a leitura do posfácio de Kinner que ele está debatendo com seus contemporâneos do Partido Comunista Alemão e da III Internacional, tentando defender o pensamento de Luxemburgo contra o estalinismo e estabelecendo uma ligação entre ela e Lenin, o grande pai inquestionável da Revolução Russa.

Na análise que faz da teoria da acumulação de Luxemburgo e sua explicação do imperialismo, o autor explora bem o livro *A acumulação do capital*, incluindo o debate dos economistas exposto na segunda seção da obra. Frölich apresenta a teoria de Luxemburgo e a atualidade dela.

Os últimos quatro capítulos vão tratar da sequência de acontecimentos desde o apoio da social-democracia à guerra até a Revolução Alemã de 1918 e o assassinato da revolucionária em janeiro de 1919. Para Frölich, a Grande Guerra constitui um momento de ruptura profunda de Luxemburgo. O autor apresenta o grande baque que foi a aprovação dos créditos e a marcha dos trabalhadores para o massacre. No entanto, segundo ele, ela nunca deixou de resistir ao cansaço, erguendo-se para as batalhas que se apresentavam.

Ao analisar a crítica de Rosa Luxemburgo ao processo revolucionário russo, Frölich a considera quase toda errada com exceção da pauta da democracia, porque a falta dela teria levado ao estalinismo. Segundo ele, Luxemburgo não teria acesso a informações confiáveis e, por isso, teria se equivocado, corrigindo-se na revolução na Alemanha. Nesse ponto, o biógrafo dá uma cambalhota para defender Lenin e o aproximar de Rosa. Enquanto discorre por todo o livro sobre como ela não era dogmática e analisava as conjunturas dentro de seus contextos, trata a posição da autora sobre a Assembleia Constituinte como um equívoco emendado em outro no espaço histórico e social da Alemanha. Luxemburgo não consertou sua posição, os contextos sociais em ambos os países é que eram diferentes. Na Alemanha, a tradição parlamentarista precisava ser superada, diferentemente da Rússia. Entender esses desenvolvimentos explica mais as posições políticas da revolucionária do que tratar como uma simples correção de curso.

O livro termina com os impasses da Revolução Alemã e do SPD, os erros dos dirigentes e a posição de Luxemburgo diante do processo que se desenrolava. Para o autor, Luxemburgo ficou em Berlim e participou do levante de janeiro por uma visão romântica da revolução. Em um dos últimos capítulos, o autor escorrega para o pensamento de Lenin quanto à práxis de Luxemburgo: uma militante valorosa que cometeu muitos erros tributados a esse romantismo.

Limitado por sua época e suas próprias polêmicas, o livro é uma boa introdução à obra de Luxemburgo e traz elementos sobre sua atuação na Polônia, pouco conhecida no Brasil. Principalmente, mostra o impacto para a posteridade da derrota da biografada e do direcionamento à direita do SPD; como ela debateu com a direção do partido, buscando levá-lo para a esquerda, e foi derrotada nessa luta, tendo como desfecho final a sua morte.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A atualidade da economia política marxista

Alfredo Saad Filho

Existe uma burguesia mundial?

Danilo Enrico Martuscelli

Editando Marx e Engels

Pedro Leão da Costa Neto

Filmando *O Capital*

Fredric Jameson

O método da economia política

Karl Marx

30